

A hierarquização entre patroa e empregada doméstica no romance *A pediatra*, de Andréa del Fuego

The boss and employee hierarchy in
Andréa del Fuego's novel *A pediatra*

Daniella Ferreira dos Santos 

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: daniellafrds@gmail.com

Resumo

O autoritarismo que formou o Brasil continua se refletindo sobretudo onde hierarquias prevalecem – um exemplo está nos trabalhos precarizados. Partindo desse ponto, este texto pensa a hierarquização como organizadora da relação entre duas personagens, Cecília e Deise, respectivamente patroa e empregada doméstica, no romance *A pediatra* (2021), de Andréa del Fuego. Discutimos como elas se relacionam a partir de uma pressuposta verticalização/distância social que coexiste com uma ambiguidade afetiva. Observamos, também, que a hierarquização entre as personagens se delinea, principalmente, na forma como ocupam o(s) espaço(s) narrativo(s) e como nele(s) se expressam. Além disso, analisamos as resistências de Deise nessa relação. Fazemos uma reflexão cuja premissa é a estrutura autoritária da sociedade brasileira. A leitura proposta, portanto, mostra que há, nessa obra literária, um desenho importante da persistência das relações hierárquicas no Brasil. Trabalhamos, nesta análise, com as seguintes referências: Marilena Chauí (2001); Jurema Brites (2007; 2013); Lilia Schwarcz (2019); e Juliana Teixeira (2021).

Palavras-chave

Hierarquização; Literatura Brasileira; Andréa del Fuego.

Editoras-chefes
Anélia Montechiari Pietrani
Laíse Ribas Bastos
Maria Lucia Guimarães de Faria

Recebido: 02/12/2023
Aceito: 02/04/2024

Como citar:
SANTOS, Daniella Ferreira dos. A hierarquização entre patroa e empregada doméstica no romance *A pediatra*, de Andréa del Fuego. *Revista Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, v.15, n.30, e62177, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/flbc.2023.v15n30e62177>

Abstract

The authoritarianism that formed Brazil continues to be reflected mostly where hierarchies prevail – an example of it can be seen in precarious jobs. Starting from this point, this text considers hierarchization as an organizer of the relationship between two characters, Cecília and Deise, respectively boss and maid, in the novel *A pediatra* (2021), by Andréa del Fuego. We discuss how their relation is based on an assumed verticalization/social distance that coexists with an affective ambiguity. We also observe that the hierarchization between the characters is outlined, mainly, in the way they occupy the narrative spaces and express themselves in each of them. Moreover, we analyze Deise's resistance in this relationship. Our reflection takes as a premise the authoritarian structure of Brazilian society. The proposed reading, therefore, shows that there is, in this literary work, an important portrait of the persistence of hierarchical relationships in Brazil. In our analysis, we take as theoretical support the following references: Marilena Chauí (2001); Jurema Brites (2007; 2013); Lilia Schwarcz (2019); and Juliana Teixeira (2021).

Keywords

Hierarchization; Brazilian Literature; Andréa del Fuego.

A filósofa Marilena Chauí aponta que a sociedade brasileira tem uma cultura senhorial, verticalizada, em que as relações sociais se apoiam numa marcada hierarquização – um manda, enquanto o outro obedece. Nosso país se configura, assim, numa clara distância entre classes (Chauí, 2001).

Essa organização social não se dá por acaso. Lilia Schwarcz reflete que o sistema escravocrata deixou, em termos estruturais, a herança do autoritarismo: “uma sociedade acostumada com hierarquias de mando” (Schwarcz, 2019, p. 35). Para além disso, o período escravista colonial nos tornou um país desigual, o que se ilustra com a insistência das classes mais altas na “manutenção da criadagem doméstica” (Chauí, 2001, p. 96).

Falamos, em especial, das empregadas domésticas¹, que provêm de estratos sociais mais baixos, sendo umas das trabalhadoras com pior remuneração e escolaridade no Brasil (Brites, 2013; Teixeira, 2021). Tratadas de forma subalternizada, boa parte ainda

¹ Dizemos *empregadas domésticas*, no feminino, porque, de acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), as mulheres são 92% dos trabalhadores domésticos no Brasil. Fonte: <https://www.dieese.org.br/infografico/2022/trabalhoDomestico.html>. Acesso em: 30 jul. 2023.

não tem garantia de seus direitos trabalhistas: segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em 2021, 76% estavam na informalidade. A precarização do trabalho dessas mulheres – que também encaram longas jornadas de trabalho, isso quando não moram com suas patroas e/ou patrões, ficando a todo tempo à sua disposição (Teixeira, 2021) – escancara, podemos dizer, a normalização de relações de dominação claramente estruturais.

No que concerne à arte literária, nossa proposta é discutir neste texto a hierarquização entre patroa e empregada doméstica, representada nas figuras de Cecília e Deise, do romance *A pediatra* (2021), de Andréa del Fuego, destrinchando com mais minúcias essa insistente hierarquia entre classes, ou entre empregador(a) e empregado(a). Buscaremos pensar sob quais eixos se molda a relação dessas personagens, que, apesar de insinuarem aproximações (afetivas), parecem – e, possivelmente, estão – sempre socialmente distantes. Como base para essa leitura, traremos as autoras Marilena Chauí (2001); Jurema Brites (2007; 2013); Lilia Schwarcz (2019); e Juliana Teixeira (2021).

A verticalização a partir dos espaços: a casa da patroa e o quatinho da empregada

A pediatra (2021), escrito em primeira pessoa, será aqui focalizado a partir da relação hierárquica entre duas personagens femininas: Cecília – que também é a narradora – e Deise, respectivamente patroa e empregada doméstica. Considerando a estrutura verticalizada que persiste em nosso país, como comentamos, a hierarquização entre elas, antes de serem patroa e empregada, inicia-se a partir de suas profissões, o que é um elemento importante na composição desse romance. A primeira, a narradora-personagem, é médica, parte de uma classe que, pelo olhar do senso comum, tem prestígio na sociedade brasileira², enquanto a segunda, por ser trabalhadora doméstica, compõe um grupo de mulheres pobres e com menor nível de escolaridade, segundo Brites (2013b). Para pensar, desse modo, como Cecília e Deise se relacionam de forma inerentemente hierarquizada, é inevitável associar o contexto sociocultural à representação dessas personagens, especialmente tratando-se de um romance brasileiro contemporâneo de autoria feminina. Queremos dizer que não parece acaso que a protagonista seja médica e patroa, ao passo que Deise, que trabalha para ela, seja uma personagem secundária: a hierarquização é, a propósito,

² A pesquisa publicada em julho de 2023, feita pelo Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (IPESPE) para a Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), mostra que, para 89% dos/as brasileiros/as, a profissão de maior prestígio é a medicina. Disponível em: <https://cmsarquivos.febraban.org.br/Arquivos/documentos/PDF/observatorio%20julho.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2023.

um dos aspectos do projeto narrativo da obra, ou seja, se dá no *espaço* que as personagens ocupam no romance.

Nesse sentido, é preciso que nos debrucemos sobre o lugar dessas personagens na narrativa antes de pensarmos propriamente a hierarquia entre elas. Dito de outro modo, elucidaremos quais sentidos podem ser pensados com base nos espaços narrativos a elas reservados, delineando seus lugares sociais.

O ambiente doméstico é onde Deise se relaciona com sua patroa, Cecília, médica pediátrica e neonatologista de classe média alta, moradora do bairro de Pinheiros, em São Paulo. Vale dizer que, se a relação de trabalho é em um espaço privado, o lugar social de Deise, enquanto uma trabalhadora de quem culturalmente se espera, ainda que de forma implícita, subserviência, *parte* do controle exercido pela dona do apartamento, Cecília, que determina como prefere que a empregada se comporte, como vemos em: “na minha [casa] onde quem manda sou eu” (Del Fuego, 2021, p. 78).

Ainda no que tange à localização da empregada doméstica em seu trabalho, ela não se delinea apenas de forma simbólica, mas literal – é uma questão de espaços. Dizemos isso porque, em muitos apartamentos brasileiros, a herança colonial que já apontamos previamente se perpetua, inclusive, na disposição dos cômodos: fazemos referência ao *quarto de empregada*, como nos lembra Juliana Teixeira, pesquisadora e professora da Faculdade de Administração da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em seu livro *Trabalho doméstico*:

Em geral, seus quartos, pequenos, se encontravam próximos à cozinha. Quarto e banheiro se conjugavam no que se chamou de dependência de empregada – os famosos *quartinhos* –, algo ainda muito presente nas plantas de apartamentos e casas pelo Brasil, e nem sempre conformes às próprias normativas legais de salubridade. Essa divisão se estendia ainda a outros ambientes. Em prédios residenciais, era e ainda é comum a separação no uso de elevadores. Em geral, são designados como elevadores de serviço e deviam ser usados pelas empregadas e demais trabalhadores domésticos, enquanto os sociais são de uso dos moradores e visitantes (Teixeira, 2021, p. 25).

Aliás, Cecília, enquanto narradora, refere-se ao aposento diversas vezes como *quartinho*: o substantivo no diminutivo não é uma escolha ao acaso, mas indica – além do tamanho ínfimo, como é de praxe nos lares brasileiros onde ele ainda existe³ – um tom que insinua uma tentativa de *diminuir* mais do que o cômodo, e

³ Em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/03/quarto-de-servico-resiste-nos-imoveis-de-luxo-mas-tem-dias-contados.shtml>, há mais dados sobre a situação atual dos quartos de empregada no Brasil. Acesso em: 1 ago. 2023.

sim quem o ocupa. A narradora acaba denunciando sua composição depreciativa de Deise, cuja origem vem de seu olhar para ela: “do alto”, partindo de uma separação (social e, por que não, narrativa).

Voltando ao lugar social de Deise nessa narrativa, ao narrar que a dispensou durante a obra feita em seu apartamento, após o divórcio de seu marido, Cecília revela que, concluída a reforma, contratou Deise novamente “*de carteira assinada*” (Del Fuego, 2021, p. 17, grifos nossos), de modo que ela passaria a dormir em sua casa de segunda a sexta, pois Cecília precisava “*ter alguém nos fundos*” (*ibidem*, grifos nossos) que pudesse chamar. Fica nítido que (1) muda o regime de trabalho de Deise, passando da informalidade para a formalidade – como ocorre apenas com um pequeno grupo das trabalhadoras domésticas do país, como já mostramos –; (2) a narradora enxerga Deise não só de forma servil, mas como uma posse, o que se expressa por meio do verbo *ter*; (3) com a locução adverbial de lugar *nos fundos*, a narradora reforça a demarcação da distância social que deseja mostrar que há entre ambas, preservando a hierarquia patroa-empregada.

Essa verticalização entre Cecília e Deise pode ser lida em cenas nas quais a primeira demonstra incômodo com a presença da última, quando ela deixa de ser útil e passa a atrapalhar ou causar algum constrangimento social:

Valéria primeiro fingiu se divertir, mas foi relaxando e esquecendo de si dando palco ao meu pai, depois saboreou o caldo frio de couve-flor, o risoto de parma, o pudim de figo fresco. De repente, visualizei Deise de camisola entrando na sala, erguendo a bacia com vômito pelas bordas, ameaçando entorná-la em nossos pratos, mas isso não ia acontecer, eu havia lhe dado meio diazepam (Del Fuego, 2021, p. 29).

Na cena, Cecília está reunida com uma colega cardiologista e o pai, médico endocrinologista, que inclusive influenciou sua escolha automática pela medicina, exercida por ela de uma forma até “maquinal”, o que fica nítido ao dizer que “fazia bem-feito o feijão com arroz”:

Ninguém notava que eu tinha pouca vocação e paciência para ser médica, a boa formação garantia que eu não fosse processada, *fazia bem-feito o feijão com arroz*, procedimentos que qualquer pediatra faz escondiam minha inaptidão. Meu caso é comum, estudei medicina desapaixonada, com o pai no leme (Del Fuego, 2021, p. 19).

De volta à cena, nela são todos pertencentes à mesma profissão e mesmo grupo social. O cardápio do jantar demarca bem esse lugar social na narrativa, uma vez que *risoto de parma* e uma *sobremesa com figo*, por exemplo, são pratos com ingredientes

caros, que não são de consumo popular. Do lado oposto está Deise, cuja posição é de uma pressuposta subserviência aos que “estão acima”. Durante o jantar, ela aparece no imaginário da personagem, *de repente*, retratado como um susto indesejável, porque quebraria a harmonia da ocasião. Em outras palavras, ao narrar que a empregada, grávida, poderia aparecer na sala com uma bacia de vômito, há uma oposição entre o que, do ponto de vista de Cecília, seria refinado e repulsivo, não podendo *coexistir*. Mais do que isso, a narradora imagina que Deise *ameaçaria* entornar a bacia *em seus pratos*, o que só não iria acontecer, para além de sua imaginação, porque Cecília, enquanto patroa, havia se prevenido desse risco ao dar à empregada meio comprimido de diazepam, medicação sedativa, que atua contra ansiedade e convulsões⁴. Sob uma ótica simbólica, portanto, o trecho representa uma situação protagonizada por personagens membros de uma classe mais alta, na qual é indesejada a presença de alguém que a esse grupo não pertença, como Deise, para que eles permaneçam como os protagonistas desse cenário.

Como dissemos anteriormente, essa personagem está inserida num espaço doméstico de trabalho, a partir do qual ela é conduzida. Nesse sentido, há certas condições para que nesse lugar/emprego ela permaneça. Para isso, de acordo com Teixeira, é preciso seguir sendo a “empregada doméstica ideal” (2021, p. 29). Uma condição, nas palavras de Cecília, é que a profissional se comporte como “uma mulher sem filhos” (Del Fuego, 2021, p. 28). No entanto, além de aparecer grávida, Deise adquire comportamentos de tendência alcoólatra:

Começou a tomar meu vinho, fui deixando [...] pulou para a cachaça que ela mesma comprava [...] Deixei que ela corresse o fígado, minha casa não era consultório [...] Eu disse que estava contente por ela se cuidar porque doença custa caro. Dona Cecília, o médico proibiu por causa da gestação. Ela não tinha barriga à vista, um alívio, mas ia ter (Del Fuego, 2021, p. 17).

No ponto de vista de Cecília, *sua casa não é o local adequado* para o adoecimento de uma empregada: “minha casa não era consultório” – o que justifica ao se dizer contente por Deise se cuidar. Na verdade, para ela, a funcionária deve se cuidar “porque doença custa caro”. Fica implícito que não há necessariamente uma preocupação com o bem-estar dela, mas sim em não arcar com os custos de uma enfermidade, que, se ocorresse, seria responsabilidade de Cecília enquanto patroa, considerando, também, que Deise mora em seu apartamento de segunda a sexta.

⁴ Bula do medicamento Diazepam (10 mg). Disponível em: <https://www.bulas.med.br/p/bulas-de-medicamentos/bula/1345878/diazepam-comprimido-10-mg.htm>. Acesso em: 1 ago. 2023.

O quarto de empregada, como já observado, mais do que um ambiente que remete à estrutura colonialista da sociedade brasileira, no romance de Del Fuego, é o espaço de cenas nas quais a narradora-personagem Cecília enfatiza a hierarquia entre a empregada e ela, como em “[...] uma noite Deise dormiu com a televisão ligada, resolvi desligar *para que ela soubesse da minha presença em seu quartinho*” (Del Fuego, 2021, p. 17, grifos nossos). Destacamos essa oração subordinada adverbial final que indica a intenção da patroa: mostrar à funcionária que esteve no único cômodo da casa reservado somente a Deise, numa invasão de privacidade sem nenhum disfarce. Cecília busca, portanto, declarar quem em sua casa manda, determinando que ali é *seu território*. Nas palavras de Brites, marcar o lugar que cada um ocupa seria também uma “clara demarcação entre chefe e subalterno” (Brites, 2007, p. 94).

Embora esteja evidente a hierarquização entre patroa e empregada, não queremos tratá-la de forma maniqueísta. Aliás, o mais interessante na relação de Deise e Cecília, na verdade, é a *ambiguidade afetiva*. Quem discorre acerca desse termo nas relações entre patroas e empregadas domésticas brasileiras é a pesquisadora Jurema Brites, professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com diversos trabalhos em torno do trabalho doméstico. Diz ela que, apesar dos múltiplos exercícios de poder de uma patroa em relação à sua empregada, é comum haver uma constante afetividade em jogo (2007).

No romance em estudo, temos vários exemplos disso. Escolhemos, então, lançar luz sobre as cenas em que Cecília e Deise vão à Pinheiros Pizzaria, que amplificam uma relação que, a princípio, se dá somente em ambiente doméstico. Vejamos: “Deise me serviu, naquele ambiente seu gesto não era o mesmo da minha casa, ali eu não mandava” (Del Fuego, 2021, p. 83). O verbo *servir* é escolhido pela narradora de forma sintomática e nada inofensiva – embora assim pareça –, pois, ainda que as duas personagens não estejam onde costumam estar, permanecem ocupando, na pizzaria, os papéis hierárquicos a elas socialmente designados, especialmente por estarem no bairro de Pinheiros, o que é reforçado até no título da pizzaria. É interessante, também, a narradora apontar que o gesto da funcionária, em um ambiente público, diferia de seu comportamento típico quando em sua casa, como em “Cecília, já te encontro. *Desde que chegamos à pizzaria*, Deise não mais me chamara por *dona* ou *senhora*” (Del Fuego, 2021, p. 84, grifos nossos). Nesse trecho, sugerimos uma breve suspensão da hierarquia patroa-empregada, em uma simulada horizontalização. Cecília tenta, além disso, mostrar que enxerga Deise para além de sua empregada: “Nossa aproximação seguia numa rapidez trepidante [...] mas a companhia de Deise me aguçava e, na minha casa, eu desfaria o laço sem melindre” (Del Fuego, 2021, p. 84).

A narradora-personagem dá mais do que um indício, como vimos, de que sua funcionária a mobiliza, e, ao contrário do que afirma no último trecho, em sua casa, o laço entre elas não seria desfeito “sem melindre”, já que a ambiguidade afetiva e a hierarquia andam juntas. Discutiremos, por isso, como Cecília é afetada por Deise.

Cecília e Deise: inquietações e resistências

A despeito de ser uma personagem representada como secundária, Deise é fundamental na condução do enredo, instigando e inquietando a protagonista, que, não menos importante, também é narradora. Observamos, sim, que a médica é intrigada por sua funcionária *dentro da relação trabalhista* que com ela estabelece. Desperta-se em Cecília, também, um desassossego no que tange à empregada enquanto um *sujeito* com histórias próprias, ou seja, enquanto mulher. A primeira forma na qual notamos Cecília intrigada é ambígua, partindo de seu olhar de patroa, que se incomoda com a possibilidade de custear possíveis problemas de saúde de Deise, decorrentes de um quadro alcohólico concomitante a uma gravidez:

Deise ia me exigir mais do que eu dispunha. Uma gestante em casa é um problema potencial conforme o avançar das semanas, bebendo, então, não quis calcular. O combinado era que ela seguisse para a casa dos pais dela no interior dias antes do parto e voltasse alguns meses depois, seu salário seria pago integralmente, lei e ciência não confronto, na sua ausência eu contrataria uma diarista (Del Fuego, 2021, p. 36).

A ambiguidade, aqui, está em uma preocupação que pode existir, ainda que de forma sutil – Cecília até recomenda, em outro momento, que Deise procure os Alcohólicos Anônimos –, porém é camuflada pela hierarquização que as rodeia. Há uma relação trabalhista, de origens coloniais e autoritárias, que coloca Deise num lugar utilitário no qual é ela quem serve a Cecília, e não o contrário. É como se a patroa não quisesse arriscar se colocar no lugar de médica da sua funcionária e, por que não, de sua cuidadora. Trata-se, por isso, de uma preocupação ambivalente: mais do que com a saúde da empregada, a narradora aponta, nas entrelinhas, que precisa de que tudo esteja “em seu devido lugar”.

Cecília, adiante, ganha interesse pela origem da gravidez de Deise, querendo saber quem é o pai da criança. Surge uma espécie de “fantasia” com a vida da funcionária para fora de seu apartamento. Ao descobrir que a empregada se envolveu com o marido da irmã, a narradora-personagem passa a nutrir um desejo por Robson, o segurança da Pinheiros Pizzaria e pai do filho que Deise espera. Aqui, há uma sugestiva *competição* com sua funcionária – que não ultrapassa, novamente, o nível da fantasia –, porque, integrantes de classes sociais distintas, o único elemento em comum que resta entre elas é seu gênero.

Subi querendo ver Deise, reparar o que nela atraiu Robson. Fui até o seu quarto, ela dormia profundo, roncando como homem, vestia camisola curta, o lençol embolado nos pés. Nada que pudesse atrair uma mosca, mesmo desconsiderando a gestação. O segurança iria ao teto comigo, uma médica macia sem medo nenhum de moto (Del Fuego, 2021, p. 62).

Essa espécie de paisagem construída pela narradora demonstra a sua necessidade de comprovar para si mesma que está acima de Deise. Para isso, ela compara o corpo da funcionária ao seu, não somente em termos de feminilidade, mas, outra vez, destacando como é supostamente melhor do que a empregada. *Melhor*, aqui, poderia ser lido em uma combinação de *mais atraente* e *superior*: (1) ela quase desumaniza Deise ao afirmar que *nem* uma mosca se atrairia por ela; (2) ao descrever a si mesma utilizando o substantivo *médica* para anteceder *macia*, e não o substantivo *mulher*, demonstra enxergar-se superior, de forma classista. Ou seja, não importa, para Cecília, que elas sejam mulheres (cis), visto que, no seu ponto de vista, há diferentes categorias de mulheres, as “superiores” e as “inferiores”, assim como há classes sociais mais baixas e mais altas – o que, mais uma vez, sob a perspectiva da narradora-personagem, é um fator que divide as pessoas de forma vertical.

Nessa esteira, ainda que Cecília e Deise se relacionem nessa dubiedade, dificilmente extrapolam o limite patroa-empregada, pois os afeto(s) e as inquietações entre elas não o permitem: são insuficientes para superar o papel social exercido por cada uma na narrativa, o que cria uma barreira (tal qual o hífen da expressão que, aqui, proposital e insistentemente empregamos: *patroa-empregada*). Isso posto, ambas performam, enquanto personagens – Cecília, é claro, também como narradora –, de acordo com o que é socialmente pressuposto delas.

Em outros termos, no romance, por mais que se teçam aproximações (assim como acontece do lado de fora da ficção, nos lares brasileiros em que há trabalhadoras domésticas), elas não vão além de um *quase*. O trecho abaixo, a propósito, traz uma cena na qual as personagens parecem se aproximar, justamente por ocuparem o mesmo espaço, e *no ambiente doméstico*. Elas sentam-se juntas à mesa da cozinha, o que poderíamos comparar à ida à Pinheiros Pizzaria. No entanto, as cenas não são equivalentes. Na pizzaria, a hierarquização patroa-empregada era de mais sutileza, tal qual ambas estivessem na pizzaria como duas amigas; no trecho que agora trazemos, há uma ironia no ato de se sentarem à mesma mesa, pois a narradora-personagem se utiliza disso para observar Deise e exercer poder sobre ela, como denuncia o uso de verbos no imperativo (*venha, sente, vá e coma*).

Deise ferveu água para cozinhar o chá sul-africano que ganhei do Celso, ervas para adormecer animais na savana. Me sentei à mesa, nenhuma chave de moto na minha fruteira, o bolo saiu brilhante, o chá tinha cor de uísque. Sente aqui, Deise, coma comigo. Achei que não dizer absolutamente nada era suficiente para deixá-la em dúvida sobre o que eu pensava, minha observação privilegiada sobre sua existência, pedindo venha, sente, vá, coma (Del Fuego, 2021, p. 78).

Em que pese a prevalência da hierarquização nessa relação, ela é permeada por atos de resistência da parte de Deise. Como aponta Teixeira (2021), as empregadas domésticas brasileiras encontram formas, ainda que sutilmente simbólicas, de subverter a subalternização a que são submetidas, exercendo assim algum poder. No caso de Deise, suas pequenas atitudes de resistência ocorrem quando ela utiliza seu espaço de trabalho para fins outros. É o que acontece ao chamar Robson, seu amante, para ir até o apartamento de sua patroa a fim de que nele possam se encontrar e ter relações – durante o expediente.

O interfone tocou. Esperando alguém? Não. Fui aos fundos, Deise havia trocado o uniforme de empregada por um vestido leve, cabelo solto, batom. Ele veio pegar umas coisas para minha irmã. Robson tocou a campainha dos fundos, fiz questão de abrir a porta. Ele não se comoveu com minha presença, somando Deise atrás de mim eram duas mulheres recebendo o segurança (Del Fuego, 2021, p. 81).

Aqui, a autoridade de Cecília é posta em xeque: (1) Deise combina de se encontrar com o amante na porta dos fundos, pensando em driblar a patroa; (2) no local de trabalho, a personagem abdica temporariamente das vestes típicas de trabalhadora doméstica, papel social a ela então reservado, substituindo-as por um vestido, cabelos soltos e batom. A subversão reside no ato de aparecer, na frente da chefe, como uma mulher em vez de empregada.

Considerações finais: as nuances da lógica ainda hierarquizante do Brasil

Desigual, autoritária e verticalizada é a organização de nosso país, que insiste em perpetuar estruturas retrógradas. Dessa maneira, seja em nível macro ou micro, enxergamos, de diversas formas, uma divisão de classes que não coloca as pessoas somente em grupos sociais distintos, mas submete indivíduos de camadas mais desfavorecidas a uma cultura senhorial na qual se espera deles servidão.

Dialogando com isso, esmiuçamos, na obra literária aqui trazida⁵, a representação de personagens que desdobram essa hierarquização social em uma relação que está longe de ser simplista. Seleccionamos, para isso, algumas das múltiplas camadas (e possibilidades de leitura) que atravessam a convivência entre patroa e empregada. Foi possível notar que Cecília e Deise transitam nos mesmos espaços narrativos nas cenas elencadas para o recorte desse texto. Entretanto, o modo como elas performam nesses cenários e em sua relação parte do pressuposto da manutenção de uma distância social que praticamente anula quaisquer chances de horizontalização entre elas. No meio disso, contudo, patroa e empregada compartilham momentos contraditórios a essa impossibilidade de aproximação, que afetam uma e outra, mesmo que no campo simbólico.

Dito de outro modo, a leitura que trouxemos do romance de Andréa del Fuego propõe que a hierarquização entre patroa e empregada doméstica não surge dentro do apartamento de Cecília, e sim nas estruturas que formaram esse país (que se mantêm como se o presente fosse o passado). E essa estrutura colonial permanece não permitindo maiores aproximações entre classes, mas mantendo o abismo entre elas.

⁵ Considerando a perspectiva da narradora-personagem, uma médica pediátrica e neonatologista da classe média alta paulistana.

Referências

- BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. *Cadernos Pagu*, n. 29, p. 91-109, 2007.
- BRITES, Jurema. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. *Cadernos de pesquisa*, v. 43, p. 422-451, 2013a.
- BRITES, Jurema. Trabajo doméstico en Brasil: transformaciones y continuidades de la precariedad. *Trayectorias*, v. 15, n. 36, p. 3-19, 2013b.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- DEL FUEGO, Andréa. *A pediatra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- DIAZEPAM: comprimidos. Farmacêutica responsável Maria Betânia Pereira. Hortolândia/SP: Legrand Pharma Indústria Farmacêutica LTDA. 1 bula de remédio. Disponível em: <https://www.bulas.med.br/p/bulas-de-medicamentos/bula/1345878/diazepam-comprimido-10-mg.htm>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. *Trabalho doméstico no Brasil*. Brasil, 2022. 2p. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2022/trabalhoDomestico.html>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- FEBRABAN/IPESPE: Federação Brasileira de Bancos/Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas. *Observatório FEBRABAN: Pesquisa semestral*. Brasil, 2023. 24p. Disponível em: <https://cmsarquivos.febraban.org.br/Arquivos/documentos/PDF/observatorio%20julho.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- GAVRAS, Douglas; TIEGHI, Ana Luiza. Quarto de serviço resiste nos imóveis de luxo, mas tem dias contados. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/03/quarto-de-servico-resiste-nos-imoveis-de-luxo-mas-tem-dias-contados.shtml>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Escravidão e racismo. *In: Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- TEIXEIRA, Juliana. *Trabalho doméstico*. São Paulo: Jandaíra, 2021.